

Contributo para a caracterização do sistema de exploração da raça bovina Marinhoa

Simaria Marques, V.^(a); Vaz, J. L.^(b); Rodrigues, A. M.^(a)

^(a) Escola Superior Agrária de Castelo Branco. Quinta Sr.^a de Mércules, 6000-909 Castelo Branco.

^(b) Associação dos Criadores de Bovinos da Raça Marinhoa. Quinta da Medela, Verdemilho, 3810 Aveiro.
e-mail: vaniasimaria@iol.pt

Resumo

Para a realização deste trabalho utilizaram-se os dados constantes dos arquivos existentes na Associação dos Criadores de Bovinos da Raça Marinhoa (ACRM) relativos às candidaturas para as medidas agro-ambientais (1748 criadores), às inscrições anuais no Livro Genealógico (LG) da raça e aos dados reprodutivos de 200 vacas.

Este trabalho pretende contribuir para o conhecimento dos parâmetros reprodutivos da raça bovina Marinhoa e do seu sistema de produção dentro do solar e na área de dispersão da raça.

Encontraram-se os seguintes valores: idade média dos criadores (60,97 anos \pm 11,25); área média de exploração (2,00 ha \pm 1,49); número médio de bovinos por exploração (1,26 CN \pm 0,59); idade das novilhas à primeira cobrição fecundante (21,83 meses \pm 8,37); idade ao primeiro parto (31,41 meses \pm 8,41); intervalo entre partos (466,53 dias \pm 164,81).

A inseminação artificial (IA) é uma técnica cada vez mais utilizada nesta raça. No entanto, a cobrição natural continua a ser muito utilizada. A percentagem de vitelos inscritos no Livro de Nascimento (LN) resultantes de IAs passou de 20,0% em 1994 para 39,5% em 1998. Águeda é o concelho com maior número de postos de cobrição (10) (1,08 touros/posto) dos 25 em funcionamento. Este número é manifestamente insuficiente para satisfazer as necessidades. Em 1998, o número médio de cobrições mensais por posto foi de 4,70 (56,40 cobrições/posto/ano).

De realçar o trabalho que tem vindo a ser feito pela ACRM no sentido de incentivar os criadores a criarem a raça Marinhoa em linha pura, a única forma de preservar esta raça autóctone.

Introdução

A produção de bovinos em Portugal foi desde sempre uma actividade com grande interesse económico, especialmente junto de agricultores de regiões desfavorecidas constituindo, muitas vezes, o seu único rendimento (Rodrigues, 1998). O nosso país é detentor de um importante e diversificado património genético animal localizado principalmente no Norte do país. No caso da raça Marinhoa, a gestão do LG cabe à ACRM, desde 1992.

De acordo com Machado *et al.* (1981), o bovino Marinhão implantou-se na zona ocidental do distrito de Aveiro, conhecida por Marinha. É oriundo do Mirandês que se dispersou de Norte a Sul do país dando origem a diversas raças. Citando Silva Portugal (1944), "*fundamentalmente, o Marinhão é o Mirandês modificado por virtude das condições mesológicas*". O solar da raça inclui os concelhos de Ovar, Murtoza, Estarreja, Aveiro, Ílhavo e Vagos. A raça dispersou-se por outros concelhos do distrito de Aveiro (Albergaria-a-Velha, Sever do Vouga, Oliveira do Bairro, Águeda, Anadia, Mealhada e Oliveira de Azeméis) e do distrito de Coimbra (Mira, Cantanhede, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho e Coimbra).

Embora seja apresentada como uma raça de dupla aptidão, trabalho e carne, Silva *et al.* (1991) referem que não é a exploração creatófora que a torna essencial na região. A sua importância advém das funções que desempenha nas actividades agrícolas numa região, onde a mecanização da agricultura é de difícil execução, embora tenha elevada produtividade forrageira e onde a produção bovina leiteira assume um papel de relevo. Os mesmos autores consideram que o Marinhão é um bovino de elevado peso adulto, velocidade de crescimento e eficiência alimentar, sendo merecedor de especial atenção em programas de melhoramento com especial incidência na qualidade da carcaça. No sistema de produção tradicional as vacas são mantidas até aos 12 a 15 anos de idade (Silva Portugal, 1944) ou até aos 10 anos (20% das vacas tem mais de 12 anos) (EZN, 2000). Os técnicos da ACRM têm verificado que os machos raramente ultrapassam os 5 a 6 anos e as fêmeas os 8 anos de vida.

Com este trabalho pretendemos contribuir para a caracterização actual do sistema de exploração da raça Marinhoa no solar de origem e na área de dispersão, assim como contribuir para a

atualização de dados referentes aos parâmetros reprodutivos da raça.

Material e métodos

Pela consulta dos arquivos cedidos pela ACRM relativos às candidaturas para as medidas agro-ambientais, de um total de 1748 criadores, foi possível calcular o valor médio da área das explorações de gado Marinhão, bem como o número médio de vacas por exploração. Procedeu-se também ao levantamento da idade média dos criadores e sua distribuição geográfica.

A avaliação da evolução do efectivo que constitui esta raça autóctone teve em conta o número de animais inscritos anualmente no LG desde que este entrou em funcionamento, em 1988, até 31-12-1998.

Para a caracterização reprodutiva da raça Marinhão no que respeita à idade média à primeira cobrição fecundante, idade ao primeiro parto e intervalo médio entre partos, consultámos os dados reprodutivos referentes a 200 vacas, cujos registos individuais foram escolhidos ao acaso de entre animais com data de nascimento compreendida entre 1989 e 1994.

O número de doses saídas do banco de sémen refere-se apenas aos anos de 1997 e 1998 uma vez que a inseminação artificial começou a estar sob orientação da ACRM a partir de Janeiro de 1997, altura em que teve início o fornecimento de sémen aos Sub-Centros de Inseminação. Para avaliar o movimento dos postos de cobrição consultámos aleatoriamente 23 mapas mensais provenientes de diferentes postos de cobrições, referentes ao ano de 1998.

O tratamento estatístico dos dados foi feito com o apoio do programa informático EXCEL, determinando-se a média e o desvio padrão para cada parâmetro analisado.

Resultados e discussão

A idade média dos criadores da raça Marinhão é de 60,97 anos ($\pm 11,25$) verificando-se que a média de idades dos criadores na região solar da raça é de 60,71 anos ($\pm 11,51$), valor ligeiramente inferior à dos que habitam na zona de expansão da mesma (61,12 anos $\pm 11,11$). A faixa etária mais representativa está compreendida entre os 60 e os 70 anos de idade. Registou-se a existência de criadores com idades superiores a 80 anos e a praticamente inexistência de jovens agricultores. Resultados idênticos foram obtidos por EZN (2000). De acordo com a ACRM (1998), embora sabendo assinar o nome, mais de 50% não sabe ler nem escrever. A idade destes criadores aliada a uma elevada taxa de analfabetismo constitui um sério entrave ao trabalho dos técnicos da ACRM.

A maioria das explorações (65 %) está localizada na zona de expansão da raça. Só no concelho de Águeda localizam-se 38% dos criadores desta raça. Seguem-se os concelhos de Aveiro com 17 % e de Oliveira do Bairro com 15 % dos criadores. A área média das explorações é de 2,00 ha ($\pm 1,49$), com 2,26 ha ($\pm 1,77$) para o solar da raça e 1,86 ha ($\pm 1,30$) para a zona de expansão. A média de bovinos Marinhões por exploração é de 1,26 CN ($\pm 0,59$), com 1,29 CN ($\pm 0,60$) no solar da raça e 1,25 CN ($\pm 0,58$) na zona de expansão. De salientar que a maioria dos criadores possui um único animal para o ajudar nas actividades agrícolas e que raramente existem mais de 3 bovinos adultos numa exploração.

No que respeita à evolução das inscrições de animais no LG desde o início, verifica-se que o número de machos inscritos anualmente no Livro de Adultos (LA) decresceu drasticamente de 1988 até 1991. Pode explicar-se pelo facto de, nos dois primeiros anos, terem sido inscritos os que já eram adultos antes do aparecimento do LG. A partir de 1992 as inscrições anuais vão-se mantendo entre as 16 e as 20. No caso das fêmeas inscritas verificou-se que, após a forte adesão dos primeiros anos, o número diminuiu até 1993/1994, período durante o qual se regista novamente um maior volume de inscrições no LA. Pensamos que esta evolução resulta, do início da aplicação das medidas agro-ambientais que só subsidia animais inscritos no LG. Contudo, o número de inscrições tem vindo a baixar, o que se deve sobretudo a uma desmotivação dos criadores causada pela idade e pelos baixos rendimentos obtidos no trabalho agrícola. Depois de um período em que o número de crias inscritas no LN aumentou visivelmente, nos últimos anos tem vindo a diminuir, o que salienta ainda mais o desânimo dos criadores desta raça.

Quanto à caracterização reprodutiva dos efectivos obteve-se, como idade média à primeira cobrição fecundante 21,83 meses ($\pm 8,37$). Verifica-se que este resultado é idêntico aos valores referidos pela DGV (1987) (15 – 21 meses) e muito inferior ao apresentado por Machado *et al.* (1981) (27 meses). A média de idades apurada para o primeiro parto foi de 31,41 meses ($\pm 8,41$), valor muito

inferior aos 36 meses indicados por Machado *et al.* (1981) e que está próximo do limite superior do intervalo compreendido entre os 24 e os 30 meses indicado pela DGV (1987). Constatou-se que o intervalo entre partos vai diminuindo à medida que aumenta o número de partos do animal. Obteve-se uma média de intervalo entre partos de 466,53 dias ($\pm 164,81$), mais cerca de 3,5 meses do que os 12 meses indicado por Machado *et al.* (1981). O intervalo entre partos calculado, impede o ideal produtivo para bovinos de carne que é a obtenção de uma cria por ano.

Existem apenas 25 postos de cobrição em actividade, com um total de 27 touros de cobrição. Este número é manifestamente insuficiente, não chegando para satisfazer as necessidades uma vez que o transporte das fêmeas das explorações mais distantes até ao posto se torna bastante difícil. Verificou-se que Águeda é o concelho com maior número de postos de cobrição ($n=10$), sendo o único concelho em que a média de touros por posto é superior a 1 (1,08 touros/posto). A maioria dos municípios tem 1 a 2 postos de cobrição. Por estas razões, só o trabalho de sensibilização dos técnicos da ACRM junto dos criadores leva a que recorram à inseminação artificial com Marinhão em vez de optarem por cruzamentos indiscriminados com outras raças, nomeadamente com touros Charoleses. Quanto ao movimento dos postos de cobrição apurado para o ano de 1998, a média de cobrições/mês/posto foi de 4,70 o que corresponderá a uma média de cerca de 56,40 cobrições/ano/posto. O valor encontrado com maior frequência corresponde a 3 cobrições, por mês, por posto. Tendo em conta que existem 25 postos, o valor total de beneficiações realizadas nos postos de cobrição no ano de 1998 não deverá andar longe das 1410.

O número de crias inscritas no LN, filhas de touros da IA, aumentou de 20 % (em 1994) para 39,5 % (em 1998), num total de 1766 crias. Comparando as 1540 palhetas de sémen Marinhão distribuídas, com as 1410 beneficiações realizadas nos postos de cobrição, podemos concluir que a inseminação artificial teve, em 1998, uma maior procura por parte dos criadores de Marinhão do que os touros de cobrição.

Conclusões

As principais conclusões são: os criadores da raça bovina Marinhão constituem uma população envelhecida (60,97 anos $\pm 11,25$) com baixo nível de alfabetização; tanto no solar da raça como na zona de expansão, as explorações são muito pequenas (2,00 ha $\pm 1,49$) e o número de bovinos por exploração é muito baixo 1,26 CN ($\pm 0,59$); a primeira cobrição fecundante ocorre muito tarde (21,83 meses $\pm 8,37$) e, como consequência, o primeiro parto é demasiado tardio (31,41 meses $\pm 8,41$); o intervalo médio entre partos é de 466,53 dias ($\pm 164,81$), não sendo possível atingir o ideal produtivo para uma raça de carne que é de um vitelo por ano; entre 1994 e 1998, o número de crias inscritas no LN provenientes da inseminação artificial quase duplicou; a cobrição natural continua a ser muito utilizada tendo-se apurado uma média de 4,7 cobrições por mês, por posto, com tendência para aumentar a procura da IA.

É de realçar o trabalho que tem sido desenvolvido pela ACRM no sentido de apoiar os agricultores associados, incentivando-os a utilizarem touros de raça Marinhão na beneficiação das suas vacas, contribuindo de forma determinante para a preservação desta raça autóctone.

Referências bibliográficas

ACRM, 1998. Elementos para a caracterização da raça Marinhão. Associação dos Criadores de Bovinos da Raça Marinhão, Verdemilho - Aveiro.

DGV, 1987. Fichas das raças autóctones. Direcção Geral de Veterinária, Lisboa.

EZN, 2000. Raças bovinas autóctones, contribuição para a sua produção nos ecossistemas tradicionais e seu reflexo sócio-económico. Projecto PAMAF n.º 3047. In: *Seminário Resultados da Participação da EZN nos Projectos PAMAF-IED*. Estação Zootécnica Nacional, Fonte Boa, Vale de Santarém. pp 1-10.

Machado, J.; Valente, J.; Gaspar, P., 1981. Raça bovina Marinhão. In: A. B. Rodrigues (Editor), *Bovinos em Portugal*. Direcção Geral de Pecuária, Ministério da Agricultura, Lisboa, Portugal. pp. 151-174.

Rodrigues, A.M., 1998. Sistemas de produção de bovinos de carne. *Revista Técnica do Extensivo*, ano I, 0: pp 13-21.

Silva Portugal, J., 1944. Esboço monográfico do bovino Marinhão, Aveiro.

Silva, M. F.; Barata, G. N.; Portugal, A. V., 1991. Potencialidades das raças bovinas nacionais. *Medicina Veterinária*, 38: pp 47-57.